

# Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt  
Denise Tolfo Silveira  
Organizadoras

**EAD**  
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



# Métodos de Pesquisa



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

Reitor

**Carlos Alexandre Netto**

Vice-Reitor e Pró-Reitor  
de Coordenação Acadêmica

**Rui Vicente Oppermann**

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
A DISTÂNCIA**

Secretário

**Sérgio Roberto Kieling Franco**

Vice-Secretário

**Silvestre Novak**

Comitê Editorial

**Lovois de Andrade Miguel**

**Mara Lucia Fernandes Carneiro**

**Silvestre Novak**

**Sílvio Luiz Souza Cunha**

**Sérgio Roberto Kieling Franco,**  
presidente

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora

**Sara Viola Rodrigues**

Conselho Editorial

**Alexandre Santos**

**Ana Lígia Lia de Paula Ramos**

**Carlos Alberto Steil**

**Cornelia Eckert**

**Maria do Rocio Fontoura Teixeira**

**Rejane Maria Ribeiro Teixeira**

**Rosa Nívea Pedroso**

**Sergio Schneider**

**Susana Cardoso**

**Tania Mara Galli Fonseca**

**Valéria N. Oliveira Monaretto**

**Sara Viola Rodrigues,** presidente

# Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt

Denise Tolfo Silveira

Organizadoras

**EAD**  
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

  
**UFRGS**  
EDITORA

  
**SEAD**  
Secretaria de  
Educação a Distância

  
CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA  
**PLANEJAMENTO E GESTÃO  
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

© dos Autores  
1ª edição: 2009  
Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e projeto gráfico: Carla M. Luzzatto  
Revisão: Ignacio Antonio Neis, Sabrina Pereira de Abreu e Rosany Schwarz Rodrigues  
Editoração eletrônica: Luciane Delani

### **Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS**

Coordenador: Luis Alberto Segovia Gonzalez

### **Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural**

Coordenação Acadêmica: Lovois de Andrade Miguel

Coordenação Operacional: Eliane Sanguiné

---

M939 Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

120 p. : il. ; 17,5x25cm

(Série Educação a Distância)

Inclui figuras, quadros e anexos.

Inclui referências.

1. Metodologia da pesquisa científica. 2. Métodos de pesquisa. 3. Pesquisa científica – Elaboração. 4. Projeto de pesquisa – Estruturação. 5. Tecnologia da informação e comunicação – Pesquisa. 6. Ética – Plágio. I. Gerhardt, Tatiana Engel. II. Silveira, Denise Tolfo. III. Universidade Aberta do Brasil. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

CDU 001.891

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0071-8

*Tatiana Engel Gerhardt, Ieda Cristina Alves Ramos,  
Deise Lisboa Riquinho e Daniel Labernarde dos Santos*

### INTRODUÇÃO

Esta Unidade explora a estrutura do projeto de pesquisa: título, introdução, revisão bibliográfica, procedimentos metodológicos, bibliografia, cronograma e orçamento. Detalha os elementos importantes que devem constar em cada item.

### OBJETIVOS

Os objetivos desta Unidade são:

- (1) conhecer os elementos que compõem um projeto de pesquisa; e
- (2) compreender as formas de organizar e sistematizar os diferentes elementos constitutivos de um projeto de pesquisa.

### 4.1 ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA

Após termos abordado as etapas de uma pesquisa falaremos do texto que estrutura uma pesquisa, ou seja, do texto que rege e sintetiza o momento analítico do processo de investigação: o projeto de pesquisa. A formulação de um projeto de pesquisa normalmente não ocorre no início do processo, mas, sim, uma vez delimitado o tema (e o problema correspondente) da pesquisa e, com base na escolha de um quadro teórico, elaboradas as hipóteses e, em função destas, selecionados tanto a documentação pertinente quanto os métodos e técnicas que serão empregados.

A estrutura de um projeto completo de pesquisa é a seguinte:

#### 4.1.1 Título do projeto:

Simplifique usando conceitos e expressões claras. Sempre pode ser mudado ao longo do trabalho. Um bom título é conciso; não entra em detalhes; provoca e atrai, por meio da síntese de ideias. **Subtítulo:** Utilize subtítulo apenas para clarificar; caso contrário ele é desnecessário. Títulos grandes podem gerar confusão.

### 4.1.2 Introdução:

Pode conter o tema, a justificativa, as questões ou hipóteses – formulação, delimitação, problema específico a resolver quanto ao tema no decorrer da pesquisa (o que será pesquisado; a “pergunta”); justificativa, segundo os critérios habituais: relevância; originalidade (a necessidade de incluir este item na pesquisa normalmente exigirá uma exposição do que já foi feito acerca do tema, ou de temas próximos, no contexto da disciplina em que a pesquisa se desenvolve, ou de disciplinas diferentes mas pertinentes ao tema em questão); viabilidade; interesse pessoal (por que escolheu esse problema); e objetivos (estes podem ser apresentados em item separado, após a introdução ou no texto da introdução). A redação dos objetivos deve ser extremamente breve quanto ao que se pretende obter nos diversos níveis que forem pertinentes para a realização da pesquisa em questão. Tal exposição deve ser inteligível mesmo para pessoas não especializadas na disciplina em cujo contexto se formula e se realiza a pesquisa.

#### ANOTE

DOXSEY & DE RIZ (2002-2003, p. 26) alertam: “Você já sabe que escreve um objetivo começando com um verbo. Porém, que verbo usar? Richardson dá a seguinte orientação: ‘Usualmente, em uma pesquisa exploratória, o objetivo geral começa pelos verbos conhecer, identificar, examinar, levantar e descobrir; em uma pesquisa descritiva, inicia com os verbos caracterizar, descrever e traçar; e, em uma pesquisa explicativa, começa pelos verbos analisar, avaliar, verificar, explicar, etc.’”

### 4.1.3 Revisão bibliográfica (estado da arte):

Expor resumidamente as principais ideias já discutidas por outros autores que trataram do problema, levantando críticas e dúvidas, quando for o caso. Explicar no que seu trabalho vai se diferenciar dos trabalhos já produzidos sobre o problema a ser trabalhado e/ou no que vai contribuir para seu conhecimento. Quanto ao quadro teórico, o erro mais frequente é formulá-lo de forma genérica ou abstrata demais, quando o que interessa é que ele seja adequado ao recorte temático a ser investigado; quanto à formulação das hipóteses ou das questões, não basta *enunciá-las* no projeto, é preciso também *justificá-las* uma a uma em texto argumentativo.

#### INFORMAÇÃO

##### Elaborando resumos e fichamentos

DOXSEY & DE RIZ (2002-2003, p. 35-6) nos dão algumas orientações: “A pesquisa ou levantamento bibliográfico é um importante estágio na elaboração do quadro inicial. Se o pesquisador utiliza teorias e conceitos para estudar fenômenos, a leitura é um hábito que deve ser cultivado. Pela leitura, o pesquisador fica conhecendo o que outros pesquisadores e autores disseram a respeito do fenômeno que pretende estudar. Para que você possa otimizar seu tempo, é bom que, ao ler um livro, um documento ou qualquer outro material, você vá levantando as informações que poderão ser úteis. Além de comentar resumidamente as ideias apresentadas, você pode, por exemplo, destacar o que o próprio autor diz sobre a obra ao apresentá-la. Pode, também, escrever destacar trechos para serem usados em citações. É preciso não esquecer de anotar as referências da obra, que devem constar do item referências bibliográficas, caso a obra venha a fazer parte do quadro teórico da pesquisa ou a ser citada no texto.”

Na Unidade 4 serão abordados os tipos de material que o pesquisador pode consultar, bem como a maneira correta de apresentar as referências das fontes consultadas.

#### 4.1.4 Procedimentos metodológicos (como verificar as hipóteses ou questões de pesquisa):

Estes incluem tanto os tipos de pesquisa quanto as técnicas de coleta e análise de dados. Também incluem os procedimentos éticos para pesquisas que envolvem seres humanos. Indicam como realizar a pesquisa, especificando suas etapas e os procedimentos que serão adotados em cada uma delas.

##### 4.1.4.1 ESCOLHER O TIPO DE PESQUISA:

Adotar o esquema apresentado na Unidade 2. Esclarecer se a pesquisa é de natureza básica ou aplicada e, quanto aos objetivos, se é exploratória, descritiva ou explicativa. Indicar também o procedimento a ser adotado: pesquisa experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa bibliográfica, ou outro.

#### ANOTE

##### O objetivo determina o caráter da pesquisa

Segundo DOXSEY & DE RIZ (2002-2003, p. 25), o objetivo geral da pesquisa esclarece o que se pretende alcançar com a investigação. Explícita, também, o caráter da pesquisa: se ela é exploratória, descritiva ou explicativa.

Vamos rever as características de cada uma delas.

- ▶ **Pesquisas exploratórias:** buscam uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito.
- ▶ **Pesquisas descritivas:** são realizadas com o intuito de descrever as características do fenômeno.
- ▶ **Pesquisas explicativas:** num estudo dessa natureza, o pesquisador procura explicar causas e consequências da ocorrência do fenômeno. O caráter da pesquisa influencia todo o desenvolvimento da pesquisa, a começar pela maneira como o pesquisador determina os objetivos de sua investigação.

#### INFORMAÇÃO

##### O pesquisador iniciante mais explora do que explica

Vale lembrar, conforme DOXSEY & DE RIZ (2002-2003, p. 26-7), que “pesquisadores iniciantes, como é o caso dos estudantes de graduação e de pós-graduação lato sensu, geralmente realizam pesquisas de caráter exploratório. É preciso esclarecer que a exploração do fenômeno tem como objetivos desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando há poucas informações disponíveis sobre o tema ao qual se relaciona o objeto de estudo. Justamente devido ao escasso conhecimento do assunto, o planejamento é flexível, de forma que os vários aspectos relativos ao fato possam ser considerados. A escassez de informações torna difícil a formulação de hipóteses, como requerem as pesquisas descritivas e explicativas. Na verdade, é sobre as pesquisas científicas que descrevem e explicam os fenômenos que você mais ouve falar. Bons trabalhos científicos muitas vezes são trabalhos simples. Pesquisadores iniciantes não precisam confeccionar projetos complicados ou ficar imobilizados pela mistificação desnecessária da pesquisa. É importante ter foco no problema a ser estudado, traçar um plano executável com os recursos e o tempo disponível e usar procedimentos adequados para a proposta”.



#### 4.1.4.2 ESTABELEECER POPULAÇÃO E AMOSTRA:

Definir o universo de estudo e a forma como será selecionada a amostra.

##### INFORMAÇÃO

###### A unidade de análise e os sujeitos da pesquisa

Confira a orientação dada por DOXSEY & DE RIZ (2002-2003, p. 44-5):

"É importante levar em conta um detalhe muitas vezes omitido sobre metodologia de pesquisa é a lembrança sobre a delimitação do foco do estudo. Foco é uma questão de escolha e especificação de limites. É essencial determinar qual será a principal fonte das informações a serem coletadas. A unidade de análise pode ser uma pessoa, um grupo, uma empresa, uma sala de aula, um município. Pode ser configurada em outro âmbito, num âmbito mais macro: um setor econômico, uma divisão de uma instituição ou uma escola. Independentemente do âmbito da análise, precisamos saber quais os **sujeitos da pesquisa**. A escolha de quem vai ser estudado mantém uma relação estreita com dois aspectos principais: 1) até que ponto queremos **generalizar** ou concluir algo para um pequeno grupo ou para uma população maior; e 2) quantos casos, indivíduos, unidades de observação precisam ser estudados para que os resultados sejam considerados 'científicos'. As técnicas de amostragem permitem reduzir o número de sujeitos numa pesquisa, sem risco de invalidar resultados ou de impossibilitar a generalização para a população como um todo. 'Nos trabalhos quantitativos, a generalização está determinada pela amostragem aleatória e pela estatística inferencial, mas essas técnicas não são relevantes para a pesquisa qualitativa' (RICHARDSON, 1999, p. 101). Mas se seu estudo não utiliza técnicas de amostragem, uma abordagem quantitativa, quantos sujeitos ou unidades de observação são necessários? Infelizmente não existem 'regras' para responder à pergunta. Para a pesquisa qualitativa, o pesquisador seleciona os sujeitos de acordo com o problema da pesquisa. Quem sabe mais sobre o problema? Quem pode validar tal informação com outro ponto de vista ou uma visão mais crítica dessa situação problemática? O iniciante em pesquisa científica muitas vezes pensa que a pesquisa qualitativa é o caminho mais indicado para se exercitar na pesquisa porque exige um número menor de entrevistas, questionários ou observações, etc. A pesquisa quantitativa é percebida como mais complicada e demorada com um maior número de observações necessárias. Vários fatores influenciam as decisões tomadas pelo pesquisador no planejamento de um projeto. O tamanho e a complexidade da população são os principais determinantes no tamanho e no tipo de amostra contemplado. As pesquisas qualitativas permitem maior liberdade na composição dos casos e/ou unidades a serem escolhidas. Ao mesmo tempo em que observamos questões pragmáticas no desenho do estudo, o pesquisador deve evitar que preferências, valores pessoais ou fatores de conveniência afetem suas decisões sobre a população a ser estudada. O bom senso não é suficiente para determinar o tamanho da amostra em pesquisas quantitativas. É necessário utilizar as fórmulas, evitando regras simplistas pelas quais o pesquisador aplica uma porcentagem X ao número total população (universo) para calcular a amostra. Via de regra, evitam-se estudos quantitativos (exploratórios ou descritivos) com menos de 30 casos. Dependendo do estudo, muitas vezes apenas um grupo será insuficiente para a pesquisa quantitativa ou qualitativa. Por outro lado, um bom estudo de caso pode envolver uma família, uma pequena escola ou instituição. No final das contas, você, pesquisador(a), é quem determina a abrangência e especificação de seu estudo. É de suma importância, portanto, um planejamento e justificativa adequados para as estratégias adotadas em sua proposta."

#### 4.1.4.3 DETERMINAR AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS:

Descrever as técnicas utilizadas para a coleta de dados e os instrumentos utilizados (de acordo com o tipo de técnica escolhida) a serem apresentados em anexo.

A coleta de dados é a busca por informações para a elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar. O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para o registro e a medição dos dados deverá preencher os seguintes

requisitos: validade, confiabilidade e precisão. A seguir, são apresentados os tipos de técnicas de coleta de dados ou instrumentos de coleta de dados.

- (1) - **Pesquisa bibliográfica** - Considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.
- (2) - **Pesquisa documental** - É aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. Nesse tipo de coleta de dados, os documentos são tipificados em dois grupos principais: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão.
  - ▶ Os de primeira mão são os que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, gravuras, pinturas a óleo, desenhos técnicos, etc.
  - ▶ Os de segunda mão são os que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, manuais internos de procedimentos, pareceres de perito, decisões de juízes, entre outros.

A pesquisa documental abrange:

- ▶ arquivos públicos;
  - ▶ arquivos privados;
  - ▶ dados de registro (um acontecimento, em observância a normas legais e administrativas);
  - ▶ dados de recenseamento: demográficos, educacionais, de criminalidade, eleitorais, de alistamento, de saúde, de atividades industriais, de contribuições e benefícios, de registro de veículos.
- (3) - **Pesquisa eletrônica** – É constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizados em home page e site, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc. Apesar de sua importante contribuição para a investigação científica, nem toda informação disponibilizada em meios eletrônicos deve ser considerada como sendo de caráter científico. Há de se observar a procedência do *site* ou da *home page*.
  - (4) - **Questionário** - É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Quadro 4  
Vantagens e desvantagens do uso de questionário

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"><li>⇒ Economiza tempo e viagens e obtém grande número de dados.</li><li>⇒ Atinge maior número de pessoas simultaneamente.</li><li>⇒ Abrange uma área geográfica mais ampla.</li><li>⇒ Economiza pessoal, tanto em treinamento quanto em trabalho de campo.</li><li>⇒ Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.</li><li>⇒ Propicia maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.</li><li>⇒ Dá mais segurança, pelo fato de suas respostas não serem identificadas.</li><li>⇒ Expõe a menos riscos de distorções, pela não influência do pesquisador.</li><li>⇒ Dá mais tempo para responder, e em hora mais favorável.</li><li>⇒ Permite mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.</li><li>⇒ Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>⇒ É pequena a porcentagem dos questionários que voltam.</li><li>⇒ Deixa grande número de perguntas sem respostas.</li><li>⇒ Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas.</li><li>⇒ Não é possível ajudar o informante em questões mal compreendidas.</li><li>⇒ Leva a uma uniformidade aparente devido à dificuldade de compreensão por parte dos informantes.</li><li>⇒ Uma questão pode influenciar outra quando é feita a leitura de todas as perguntas antes do início das respostas.</li><li>⇒ A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.</li><li>⇒ O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação.</li><li>⇒ Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as respostas.</li><li>⇒ Exige um universo mais homogêneo.</li></ul>

Adaptado de: <[http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas\\_de\\_Coleta\\_de\\_Dados\\_22022007-104857.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas_de_Coleta_de_Dados_22022007-104857.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2008.

## Processo de elaboração do questionário

Requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, sua formulação, além de tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança etc. Existem três tipos de questões: **fechadas, abertas e mistas**.

- ▶ Nas questões **abertas**, o informante responde livremente, da forma que desejar, e o entrevistador anota tudo o que for declarado.
- ▶ Nas questões **fechadas**, o informante deve escolher uma resposta entre as constantes de uma lista predeterminada, indicando aquela que melhor corresponda à que deseja fornecer. Este último caso favorece uma padronização e uniformização dos dados coletados pelo questionário maior do que no caso das perguntas abertas. Contudo, a maior parte dos questionários apresenta uma proporção variável entre os dois tipos de questões.
- ▶ As questões **mistas** (fechadas e abertas) são aquelas em que, dentro de uma lista predeterminada, há um item aberto, por exemplo, “outros”.

## Pré-teste do questionário

Depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, por meio da aplicação de alguns exemplares em uma pequena população escolhida.

**(5) - Formulário** - É o nome geralmente usado para designar uma coleção de questões que são formuladas e anotadas por um entrevistador, numa situação face a face com o entrevistado. As perguntas devem ser ordenadas, das mais simples às mais complexas; vale lembrar que as perguntas devem referir-se a uma ideia cada vez e possibilitar uma única interpretação, sempre respeitado o nível de conhecimento do informante. Tanto o questionário quanto o formulário, por se constituírem de perguntas padronizadas, são instrumentos de pesquisa mais adequados à quantificação, porque são mais fáceis de serem codificados e tabulados, propiciando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado. O questionário e o formulário são instrumentos que se diferenciam apenas no que se refere à forma de aplicação. O questionário é preenchido pelo próprio entrevistado, e o formulário é preenchido indiretamente, isto é, pelo entrevistador.

Quadro 5  
Vantagens e desvantagens do uso do formulário

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Utilizado para quase todos os segmentos da população: alfabetizados, analfabetos, populações heterogêneas.</li> <li>⇒ Presença do pesquisador, que pode explicitar os objetivos da pesquisa, orientar o preenchimento do formulário e elucidar significados de perguntas que não estejam muito claras.</li> <li>⇒ Flexibilidade para adaptar-se às necessidades de cada situação, podendo o entrevistador reformular itens ou ajustar o formulário à compreensão de cada informante</li> <li>⇒ Obtenção de dados mais complexos e úteis.</li> <li>⇒ Facilidade na aquisição de um número representativo de informantes, em determinado grupo.</li> <li>⇒ Uniformidade dos símbolos utilizados, pois é preenchido pelo próprio pesquisador.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Menos liberdade nas respostas, em virtude da presença do entrevistador.</li> <li>⇒ Risco de distorções, devido à influência do aplicador.</li> <li>⇒ Menor prazo para responder às perguntas; não havendo tempo para pensar, as respostas podem ser invalidadas.</li> <li>⇒ Mais demorado, por ser aplicado a uma pessoa de cada vez.</li> <li>⇒ Insegurança nas respostas, por não haver anonimato.</li> <li>⇒ Pessoas detentoras de informações necessárias podem estar em localidades muito distantes, tornando a resposta difícil, demorada e dispendiosa.</li> </ul>

Adaptado de: <[http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas\\_de\\_Coleta\\_de\\_Dados\\_22022007-104857.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas_de_Coleta_de_Dados_22022007-104857.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2008.

### Pré-teste do formulário

Como para o questionário, recomenda-se o pré-teste para o formulário, visando evitar possíveis falhas ou imprecisões na redação, complexidade das questões, questões desnecessárias, constrangimentos para o informante, exaustão, etc.

#### IMPORTANTE

Antes de fazer a escolha entre o uso de um questionário e o uso de um formulário, reflita sobre as vantagens e desvantagens de ambas as técnicas. O mesmo vale para a escolha de qualquer técnica de coleta de dados. Nenhuma técnica é capaz de responder por si só à complexidade de um determinado tema de pesquisa; portanto, é essencial que, ao escolher uma técnica em detrimento de outra, você tenha clareza quanto às suas possibilidades e limitações para responder às questões da pesquisa.

**(6) - Entrevista** - Esta constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada.

## Tipos de entrevista

### ► Entrevista estruturada

Na entrevista estruturada, segue-se um roteiro previamente estabelecido, as perguntas são predeterminadas. O objetivo é obter diferentes respostas à mesma pergunta, possibilitando que sejam comparadas. O entrevistador não tem liberdade.

### ► Entrevista semiestruturada

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

### ► Entrevista não-estruturada

Também é denominada não-diretiva: o entrevistado é solicitado a falar livremente a respeito do tema pesquisado. Ela busca a visão geral do tema. É recomendada nos estudos exploratórios.

### ► Entrevista orientada

O entrevistador focaliza sua atenção sobre uma experiência dada e seus efeitos; isso quer dizer que ele sabe por antecipação os tópicos ou informações que deseja obter com a entrevista.

### ► Entrevista em grupo

Pequenos grupos de entrevistados respondem simultaneamente às questões, de maneira informal. As respostas são organizadas posteriormente pelo entrevistador, numa avaliação global.

### ► Entrevista informal

É geralmente utilizada em estudos exploratórios, a fim de possibilitar ao pesquisador um conhecimento mais aprofundado da temática que está sendo investigada. Pode fornecer pistas para o encaminhamento da pesquisa, a seleção de outros informantes, ou mesmo a revisão das hipóteses inicialmente levantadas.

## Instrumentos acessórios

Filmadora, gravador, bloco para anotações e outros.

## Roteiro

É uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista. Isso permite uma flexibilidade quanto à ordem ao propor as questões, originando variedade de respostas ou até mesmo outras questões. Na elaboração do roteiro, deve-se levar em consideração:

- ▶ a distribuição do tempo para cada área ou assunto;
- ▶ a formulação de perguntas cujas respostas possam ser descritivas e analíticas, para evitar respostas dicotômicas (sim/não);
- ▶ a atenção para manter o controle dos objetivos a serem atingidos, para evitar que o entrevistado extrapole o tema proposto.

Quadro 6  
Vantagens e desvantagens do uso de entrevistas

VANTAGENS	DESvantagens
<ul style="list-style-type: none"><li>⇒ Não exige que o entrevistado saiba ler e escrever.</li><li>⇒ Apresenta muita flexibilidade, pois o entrevistador pode facilmente adaptar-se às características das pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista.</li><li>⇒ Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade da voz e a ênfase nas respostas.</li><li>⇒ Possibilita ao respondente o esclarecimento das questões.</li><li>⇒ Permite a obtenção de dados com elevado nível de profundidade.</li><li>⇒ Oferece maior garantia de respostas do que o questionário.</li><li>⇒ Possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>⇒ Acarreta custos com o treinamento de pessoal e a aplicação das entrevistas.</li><li>⇒ Requer mais tempo.</li><li>⇒ Implica ausência de anonimato.</li><li>⇒ Propicia influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador.</li><li>⇒ Permite influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.</li><li>⇒ Acarreta dificuldade na tabulação e na análise dos dados, no caso das entrevistas abertas.</li></ul>

Adaptado de: <[http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas\\_de\\_Coleta\\_de\\_Dado22022007-104857.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas_de_Coleta_de_Dado22022007-104857.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2008.

## Contato inicial

Para que a entrevista seja adequadamente realizada, é necessário, antes de mais nada, que o entrevistador seja bem recebido. Algumas vezes, o grupo de pessoas a ser entrevistado é preparado antecipadamente, mediante comunicação escrita ou contato prévio.

### IMPORTANTE

A entrevista difere do questionário e do formulário pela posição do pesquisador (entrevistador): no caso do questionário, este é respondido pelo entrevistado sem a presença do entrevistador.

**(7) - Observação** - É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo.

**INFORMAÇÃO**

Consulte o **ANEXO A** para obter orientações em relação à técnica da observação para a coleta de dados.

**► Tipos de observação****Simple ou assistemática**

O pesquisador permanece abstraído da situação estudada, apenas observa de maneira espontânea como os fatos ocorrem e controla os dados obtidos. Nessa categoria, não se utilizam meios técnicos especiais para coletar os dados, nem é preciso fazer perguntas diretas aos informantes. É comumente utilizada em casos de estudos exploratórios, nos quais os objetivos não estão claramente especificados; pode ser que o pesquisador sinta a necessidade de redefinir seus objetivos ao longo do processo. É muito apropriada para o estudo de condutas mais manifestadas das pessoas na vida social.

**Sistemática/não-participante**

Também conhecida como observação passiva. O pesquisador não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, faz mais o papel de espectador. O procedimento tem caráter sistemático.

Esse tipo de observação é usado em pesquisas que requerem uma descrição mais detalhada e precisa dos fenômenos ou em testes de hipóteses. Na técnica de coleta de dados, presume-se que o pesquisador saiba exatamente que informações são relevantes para atingir os objetivos propostos. Nesse sentido, antes de executar a observação sistemática, há necessidade de se elaborar um plano para sua execução.

Quadro 7  
Vantagens e desvantagens da observação sistemática/não-participante

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Possibilita a obtenção de elementos para a definição do problema da pesquisa.</li> <li>⇒ Favorece a construção de hipóteses acerca do problema pesquisado.</li> <li>⇒ Facilita a obtenção de dados sem produzir querelas ou suspeitas nos membros das comunidades, grupos ou instituições que estão sendo estudadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ É canalizada pelos gostos e afeições do pesquisador. Muitas vezes a atenção deste é desviada para o lado pitoresco, exótico ou raro do fenômeno.</li> <li>⇒ O registro das observações depende, frequentemente, da memória do investigador.</li> <li>⇒ Dá ampla margem à interpretação subjetiva ou parcial do fenômeno estudado.</li> </ul>

Adaptado de: GIL, 1999.

## Participante

O investigador participa até certo ponto como membro da comunidade ou população pesquisada. A ideia de sua incursão na população é ganhar a confiança do grupo, ser influenciado pelas características dos elementos do grupo e, ao mesmo tempo, conscientizá-los da importância da investigação. Este tipo de observação foi introduzido nas ciências sociais pelos antropólogos no estudo das chamadas sociedades primitivas. A técnica de observação participante ocorre pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.

### ► Importância da técnica

A observação participante permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade. A observação participante apreende o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Quadro 8  
Vantagens e desvantagens da observação participante

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros da comunidade se encontram envolvidos.</li> <li>⇒ Permite acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado;</li> <li>⇒ Capta palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Pode causar restrição devido aos papéis que o pesquisador assume no grupo e na comunidade.</li> <li>⇒ Pode limitar uma observação a um retrato da população estudada.</li> <li>⇒ Em população com estratificação social, o pesquisador pode ter difícil acesso a estratos diferentes daquele com o qual está identificado.</li> <li>⇒ Pode provocar desconfiança da população ou grupo estudado, limitando a qualidade da observação.</li> </ul>

Adaptado de: GIL, 1999.



**INFORMAÇÃO**

Com a observação, os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. É uma técnica mais empregada na Etnografia.

**(8) - Diário de campo/Notas de campo**

O diário de campo, enquanto técnica de pesquisa, foi utilizado inicialmente pela Antropologia, classicamente representada pelo antropólogo Bronisław Malinowski, o primeiro a sistematizar as observações realizadas em suas pesquisas etnográficas. Existem diferentes concepções e contribuições em relação à elaboração e ao uso de um diário de campo. Apresentamos sucintamente apenas algumas delas.

Segundo Falkembach (1987), o diário de campo é um instrumento de anotações, um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexão, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de escrever e observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos.

O diário de campo, muito utilizado em estudos antropológicos, é um instrumento muito complexo, que permite o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado. Trata-se do detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados. Podemos considerá-lo, por suas características, como um instrumento de interpretação-interrogação (LOPES, 1993).

É como um “diário de bordo”, onde se anotam, dia após dia, com estilo telegráfico, os eventos da observação e a progressão da pesquisa (BEAUD & WEBER, 1998).

Polit & Hungler (1995) incluem a dimensão de cunho mais interpretativo das anotações, considerando que, durante a observação de um fato, o pesquisador já pode registrar algumas análises sobre o acontecimento.

É o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da coleta de dados (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

**ANOTE**

Um exemplo interessante e raro de diário de campo se encontra referido na obra de Carlos Rodrigues Brandão intitulada *O afeto da terra*. Para os interessados nessa técnica de pesquisa e de compreensão das relações entre os homens e os seres da natureza no mundo rural, vale a pena ler:

BRANDÃO, C. R. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis / SP*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.



### ► Como construir um diário de campo

As anotações no diário de campo devem conter duas partes: uma descritiva e uma reflexiva.

**Parte descritiva:** é a parte das anotações onde deve haver preocupação em captar as características das pessoas, ações e conversas observadas de acordo com o local de estudo (BOGDAN & BIKLEN, 1994):

- Descrição dos sujeitos
- Reconstrução dos diálogos
- Descrição do espaço físico
- Relatos de acontecimentos particulares
- Descrição da atividade
- Comportamento, postura do observador

**Parte reflexiva:** é a parte das anotações que apreende mais o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações. Essa fase de registro mais subjetivo, segundo Bogdan & Biklen (1994), comporta reflexões sobre os seguintes itens:

- a análise
- o método
- os conflitos e dilemas éticos
- o ponto de vista do observador
- pontos de clarificação

**Como desenvolver o diário de campo na fase de coleta de dados,** segundo Beaud & Weber (1998).

**Em um caderno:** na página da direita, anotam-se datas, nomes de pessoas, de lugares; na página da esquerda, anotam-se questões, hipóteses, leituras, tudo o que faz parte da vida intelectual do pesquisador. Essas análises são úteis e podem servir como os primeiros embriões de seu plano de redação definitivo.

**Requisitos:** precisão, senso de detalhes e honestidade escrupulosa.

**ANOTE****Exemplificando um modelo de diário de campo**

Título

Data

Horário

Local da observação

**Descritivo:** aparência, fala, gestos, desenho do espaço, pessoas envolvidas, comportamento do pesquisador...

C. O. (comentários):

**Reflexivo:** especulações, pensamentos, reflexões, metodologia, pressupostos...

C. O. (comentários):

**Página da esquerda do caderno****Diário da pesquisa (reflexivo)**

⇒ questionamentos levantados a partir da observação e desenvolvimento de análises que servirão para orientar a observação (decidir quem ou o que será observado posteriormente) e, sobretudo, início do plano de redação do relatório da pesquisa;

⇒ questões, hipóteses, dúvidas, leituras...

**Página da direita do caderno****Diário da observação (descritivo)**

⇒ anotações breves, datadas e localizadas;

⇒ anotações de impressões e descrições; a quem, onde, como, quando, o que aconteceu.

Assim como as demais técnicas de coleta de dados, o uso do diário de campo apresenta vantagens e desvantagens, conforme o quadro 9, abaixo, as quais devem ser levadas em consideração no momento da escolha de tal técnica.

Quadro 9  
Vantagens e desvantagens do uso do diário de campo

<b>VANTAGENS</b>	<b>DESvantagens</b>
⇒ Não é uma técnica isolada de coleta de dados em pesquisa qualitativa. ⇒ Não requer conhecimento aprofundado para ser usado. ⇒ Busca a checagem das informações e explora tópicos de difícil abordagem.	⇒ Pode perder o foco e deixar passar aspectos importantes da pesquisa.

Elaborado a partir de: ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998.

**ANOTE****Sugestões para o diário de campo**, segundo BOGDAN & BIKLEN (1994):

- ▶ Não adiar a tarefa.
- ▶ Registrar antes de falar para não confundir.
- ▶ Escrever as anotações em lugar sossegado e tranquilo.
- ▶ Dar-se tempo para escrever as notas.
- ▶ Esboçar frases-chave e tópicos antes de começar a escrever.
- ▶ Escrever de forma cronológica.
- ▶ Deixar as conversas e acontecimentos fluírem no papel.
- ▶ Acrescentar o que foi esquecido na primeira escrita.
- ▶ Compreender que esse método é trabalhoso e demanda tempo.

Em relação aos diferentes tipos de coleta de dados acima apresentados, Doxsey & De Riz (2003, p. 36) apontam elementos importantes para reflexão:

Pesquisar é conhecer a realidade. É levantar informações significativas e representativas existentes nesta realidade, às quais chamamos “dados”. Às vezes esses dados – atributos e características das pessoas e dos fenômenos que elegemos estudar – podem ser observados, contados, medidos diretamente. São informações **tangíveis**. Outras vezes, não. Muitos fenômenos que interessam ao educador e ao cientista não podem ser medidos ou observados diretamente. Nas Ciências Humanas, precisamos estimular respostas, questionar e observar para produzir os nossos dados. Esses dados, então, são examinados para que possamos lhes atribuir significados. Interpretamos e analisamos as informações coletadas para discernir **padrões de respostas, tendências e associações**. É necessário, então, utilizar ferramentas que nos permitam chegar a coletar, organizar e analisar os dados. Os instrumentos são os mecanismos pelos quais organizamos e sistematizamos a coleta de informações. Para ser considerado um mecanismo adequado, confiável, o formato do instrumento precisa facilitar o registro eficiente das informações procuradas. Na coleta de dados é também necessário garantir a uniformidade de aplicação do instrumento de unidade de análise para outra, ou seja, de uma pessoa, de um grupo, de uma situação para outra. (Ver Richardson, Capítulo 11 – Confiabilidade e validade, p. 174). Isso significa que o instrumento de coleta (questionário, ficha de observação, roteiro de entrevista, etc.) deve ser organizado de tal maneira que a forma de sua aplicação não altere a natureza dos dados registrados. Os itens e perguntas são padronizados em termos de seu formato. É importante construir instrumentos que colem informações que correspondam à realidade pesquisada, ou seja, que os instrumentos sejam válidos, que produzam informações verdadeiras e válidas para o objetivo do estudo. Para Richardson (1999), um instrumento é válido quando mede o que deseja.

### ► **Decisão importante: Resumir o que já foi dito ou ir a campo?**

Doxsey & De Riz (2003, p. 38-9) trazem-nos alguns elementos importantes para tomar esta decisão:

(...) ao preparar o projeto de pesquisa, um dos tópicos que devem ser incluídos é a especificação dos procedimentos metodológicos planejados para realizar o estudo. Dentre as informações que devem constar deste item, está a classificação da pesquisa quanto à coleta de dados. A confusão mais frequente entre os pesquisadores iniciantes está relacionada justamente a isso. A grande maioria informa que vai realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica. Se este for o tipo de pesquisa a ser realizado, significa que você vai produzir um ensaio teórico; vai ler algumas obras e, a partir disso, fazer uma síntese do pensamento dos autores consultados. A pesquisa bibliográfica utiliza, exclusivamente,

a coleta de informações, conceitos e dados em livros. O que é preciso ter claro é o seguinte: não se deve confundir a construção do quadro teórico ou referencial teórico com a pesquisa bibliográfica. Toda pesquisa tem algum tipo de referencial, que é uma revisão sistemática da literatura existente (obras, textos, artigos, informação de sites da Internet, dissertações, teses, monografias, relatórios técnicos, revistas científicas, resenhas, cartas, documentos escritos, etc., publicados ou não). Todo pesquisador precisa consultar livros, mas essa consulta aos livros, apenas, não caracteriza a pesquisa como bibliográfica.

É importante ressaltar que uma pesquisa bibliográfica é aquela em que os dados apresentados provêm apenas de livros e artigos consultados. Também é importante saber que, para coletar os dados, o pesquisador pode escolher outro caminho, a saber, por meio de uma pesquisa de campo. Doxsey & De Riz (2003, p. 38-9) explicitam qual é esse “outro caminho”:

(...) trata-se de um estudo empírico, no qual o pesquisador sai a campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual, usando os instrumentos e técnicas já especificados, coleta dados para sua pesquisa. A escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciam a seleção. Pesquisadores iniciantes não precisam ter domínio ou conhecimento de todos os métodos apresentados no quadro, mas é importante saber da abrangência de possibilidades disponíveis. Alguns tipos de estudo usam mais do que um método ou técnica de coleta de dados. O bom estudo de caso exige a utilização de documentos, da observação e da coleta de informações diretamente com os principais atores envolvidos no problema. No entanto, o pesquisador pode optar por um método único, por exemplo, a observação participante, para explorar um problema menos pesquisado.

Em resumo, há conexões lógicas e metodológicas entre o tipo de pesquisa, os métodos e procedimentos selecionados e os próprios objetivos. Em geral, para quem está iniciando, saber que o elenco de métodos é grande raramente tranqüiliza ou resolve o problema da escolha.

#### 4.1.4.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS:

Descrição dos procedimentos adotados para a análise dos dados (quantitativos – análise estatística, tipos de testes estatísticos escolhidos, etc.; qualitativos – análise de conteúdo, análise de discurso, etc.).

#### 4.1.4.4.1 Técnicas de análise de dados quantitativos

A análise tem como objetivo organizar os dados de forma que fique possível o fornecimento de respostas para o problema proposto. Em relação às formas que os processos de análise de dados quantitativos podem assumir, tomando como referência Gil (2006), observam-se em boa parte das pesquisas os seguintes passos:

- ▶ estabelecimento de categorias;
- ▶ codificação e tabulação;
- ▶ análise estatística dos dados.

##### ▶ Estabelecimento de categorias

Para que as informações possam ser adequadamente analisadas, faz-se necessário organizá-las, o que é feito mediante seu agrupamento em certo número de categorias.

Em muitas situações, o estabelecimento de categorias é uma tarefa bastante simples, como no caso das investigações que tiveram os dados obtidos a partir de instrumentos padronizados. Por exemplo, numa pesquisa em que os entrevistados tinham 12, 17, 24, 32, 45, 62 e 74 anos de idade, o agrupamento dos indivíduos pode ser feito nas seguintes categorias por faixa etária: “menores de 18 anos”, “entre 18 e 60 anos” e “maiores de 60 anos”.

É necessário que as categorias sejam suficientes para incluir todas as respostas e sejam organizadas de forma tal que não seja possível colocar uma determinada resposta em mais de uma categoria.

##### ▶ Codificação e tabulação

Codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados em símbolos que possam ser tabulados. Isso pode ocorrer antes ou após a coleta.

A precodificação ocorre frequentemente em levantamentos em que os questionários são constituídos por perguntas fechadas, cujas alternativas estão associadas a códigos impressos no próprio questionário, como aparece no exemplo abaixo:

⇒ **Sexo:** (1) Masculino (2) Feminino

⇒ **Religião:** (1) Católico (2) Evangélico (3) Espírita (4) Umbandista

A tabulação é o processo que consiste em agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise; ou seja, a tabulação simples consiste na simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto. O processamento por computador é muito útil quando se trabalha com um grande volume de dados, como no caso dos levantamentos, não apenas porque o tempo destinado à tabulação fica reduzido, mas também pelo fato de o computador armazenar os dados de maneira acessível, organizá-los e analisá-los estatisticamente.

##### ▶ Análise estatística dos dados

Esta análise implica processamento de dados, através da geração (normalmente mediante o emprego de técnicas de cálculo matemático), da apresentação (os dados

podem ser organizados em gráficos ou tabelas) e da interpretação. A descrição das variáveis é imprescindível como um passo para a adequada interpretação dos resultados de uma investigação.

Dependendo do objeto a ser estudado e de suas características, um tipo de dado, aqui entendido como algo que pode ser convertido em números, pode ser conseguido por meio de um processo de mensuração característico ou tradicional. Silva (2003) cita três tipos básicos com relação à natureza do processo de mensuração:

#### ► Escala nominal ou classificadora (de nomear)

É a mensuração aplicada em um nível mais básico, quando números ou outros símbolos são usados para classificar objetos ou pessoas, ou características de ambos, ou para identificar os grupos a que vários objetos ou pessoas pertencem. A primeira organização de dados consiste em distribuir características de indivíduos ou de objetos em categorias e contar a frequência com que ocorrem.

Alguns tipos de dados nominais mais comuns em pesquisas são, por exemplo: sexo (masculino e feminino), classe socioeconômica (alta, média e baixa), partido político de preferência, orientação no tempo (presente, passado e futuro), etc.

#### ► Escala ordinal ou escala por postos (de ordem)

Quando se quer ultrapassar a simples atribuição de um rótulo ou nome a um indivíduo ou objeto, podem-se classificar os dados em categorias segundo um ordenamento preestabelecido, como, por exemplo:

- ⇒ ordenação do grau de concordância com uma assertiva: concordo plenamente, concordo, indiferente, discordo, discordo plenamente;
- ⇒ avaliação de um produto ou serviço: muito insatisfeito, relativamente insatisfeito, neutro, relativamente satisfeito e muito satisfeito;
- ⇒ classificação de alunos: 1°, 2°, 3°, ... 30°.

O nível ordinal fornece informações sobre a ordenação, mas não indica a magnitude das diferenças entre os valores. Assim, por exemplo, quando classificamos alunos de uma turma, sabemos que o 1° apresentou melhor desempenho em um teste, mas não podemos inferir que ele sabe mais que o 2°, ou mais que o 3°, etc. Só podemos afirmar que ele foi classificado em primeiro lugar.

#### ► Escala intervalar (de intervalos)

É aplicável quando a escala tem todas as características de uma escala ordinal e, além disso, se conhecem as distâncias entre dois números quaisquer da escala (unidade de medida) e o zero da escala de medida existe por convenção, como, quando se mede, por exemplo:

- ⇒ temperatura (Celsius, Fahrenheit);
- ⇒ altura (metro, centímetro, pés);
- ⇒ peso (tonelada, quilograma, grama).

Podemos, de forma simplificada, classificar a análise dos dados como análise univariada, bivariada e multivariada. Utilizamos a análise univariada para estudar a distribuição de apenas uma variável; a análise bivariada, quando trabalhamos com duas variáveis; e a análise multivariada, para os casos de mais de duas variáveis.

Para que esses dados sejam considerados válidos, devem ser submetidos a testes estatísticos, que não serão aqui abordados, por se tratar de matéria complexa, e porque eles são bastante explorados nos manuais de estatística. No entanto, é importante frisar que não podemos tratar qualquer tipo de mensuração com os mesmos testes ou métodos estatísticos e que devemos atentar para o fato de que há metodologias específicas.

É claro que o tratamento matemático de qualquer coleção de números sempre pode ser processado ou submetido a uma fórmula, mas, se ela não tiver sentido de validade ou relação causal, não pode ser considerada, pois o resultado, embora exista concretamente, não tem qualquer relação com o objeto de conhecimento. O quadro 10, abaixo, apresenta uma síntese dos métodos e técnicas adequados para cada tipo de mensuração.

Quadro 10  
Tipos de mensuração x possíveis testes apropriados

<b>Escalas</b>	<b>Relações definidoras</b>	<b>Testes estatísticos adequados</b>
Nominal	Equivalência	Número de casos Porcentagens Moda Correlações de contingência (Qui-quadrado) Teste exato de Fisher Frequência Teste binomial McNemar, Cochran Q Coeficiente de contingência
Ordinal	Equivalência Maior do que	Todos os anteriores e mais: $r_s$ de Spearman $\tau$ de Kendall $W$ de Kendall Mediana Percentis Decis, quartis Desvio quartílico Correlação de postos Teste de sinais Teste de Kolmogorov-Smirnov Teste U, Mann-Whitney Teste de Kruskal Wallis
Intervalar	Equivalência Maior do que Razão conhecida de dois intervalos quaisquer	Todos os anteriores e mais: Média Desvio-padrão Média aritmética Desvio padrão, variância Desvio médio Intervalo, amplitude total, amplitude média Correlação de produto-momento teste-t, teste-F, teste-Z

Adaptado de: SILVA, 2003.



#### 4.1.4.4.2 Técnicas de análise de dados qualitativos

Para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. Dessa forma, serão apresentadas duas possibilidades teóricas e práticas de análise do material qualitativo, a saber: **análise de conteúdo** e **análise do discurso**.

A **análise de conteúdo** é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência. Segundo Bardin (1979, p. 42), ela representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos. Geralmente, todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção de mensagem. Esse conjunto analítico visa a dar consistência interna às operações (MINAYO, 2007).

Existem várias modalidades de análise de conteúdo, dentre as quais destacamos: análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação. No entanto, será definida aqui a análise temática, porque, além de ser a mais simples, é considerada apropriada para as investigações qualitativas.

A análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo.

Para Minayo (2007, p. 316), “a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja *presença* ou *frequência* signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

De acordo com a mesma autora, operacionalmente, a análise temática ocorre em três fases:

- ▶ Pré-análise: organização do que vai ser analisado; exploração do material por meio de várias leituras; também é chamada de “leitura flutuante”.
- ▶ Exploração do material: é o momento em que se codifica o material; primeiro, faz-se um recorte do texto; após, escolhem-se regras de contagem; e, por último, classificam-se e agregam-se os dados, organizando-os em categorias teóricas ou empíricas.
- ▶ Tratamento dos resultados: nesta fase, trabalham-se os dados brutos, permitindo destaque para as informações obtidas, as quais serão interpretadas à luz do quadro.

Na fase de organização e tratamento dos dados, poderá ser utilizado o *software* NVivo 2.0, programa que auxilia na análise de material qualitativo, com as ferramentas de codificação e armazenamento de textos em categorias específicas (GUIZZO et al., 2003).

A **análise do discurso** objetiva realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos em diferentes campos, como, por exemplo, o religioso, o filosófico, o jurídico e o sociopolítico. Os pressupostos básicos desta análise podem ser resumidos em dois: (1) o sentido de uma palavra ou de uma expressão não existe em si mesmo; ao contrário, expressa posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico no qual as relações são produzidas; (2) toda formação discursiva dissimula, pela pretensão de transparência e dependência, formações ideológicas (PÊCHEUX, 1988).

Segundo Minayo (2007), a análise do discurso situa-se ao mesmo tempo em uma apropriação da linguística tradicional e da análise de conteúdo, bem como na crítica dessas abordagens, evidenciando que elas são práticas-teóricas historicamente definidas.

É importante definir alguns conceitos desenvolvidos na perspectiva da análise de discurso:

**Texto** – é a unidade de análise, desde uma simples palavra ou frase, até um documento completo, a partir da qual são possíveis recortes.

**Leitura** – permite múltiplas interpretações.

**Silêncio** – ocupa lugar de relevância nesta técnica de análise: tanto quanto a palavra, ele tem suas condições de produção. Por exemplo: o silêncio imposto pelo oprimido pode expressar formas de resistência.

**Tipos de discursos** – discurso *lúdico*: apresenta simetria e reversibilidade entre os interlocutores e máxima polissemia; discurso *polêmico*: apresenta simetria e reversibilidade menor e algum grau de polissemia; discurso *autoritário*: é totalmente assimétrico e possibilita poucas interpretações polissêmicas.

**Caráter recalcado da matriz do sentido** – adotando a linha da psicanálise, a fala é marcada por dois níveis: (1) aponta o que não é conhecido pelo sujeito pesquisado, na zona do inconsciente; (2) provoca ocultação parcial, pré-consciente/consciente em relação à sua fala.

Os procedimentos de análise, segundo Orlandi (1987), são divididos em quatro: (1) em primeiro lugar, procede-se ao estudo das palavras do texto, separando adjetivos, substantivos, verbos e advérbios; (2) realiza-se a construção das frases; (3) constrói-se uma rede semântica que evidencia uma dinâmica intermediária entre o social e a gramática; (4) por fim, elabora-se a análise, considerando a produção social do texto como constitutiva de seu próprio sentido.

Quadro 11  
 Comparação entre a análise de conteúdo e a análise do discurso

ANÁLISE DE CONTEÚDO	ANÁLISE DO DISCURSO
A interpretação da análise de conteúdo poderá ser tanto quantitativa quanto qualitativa.	A interpretação poderá ser somente qualitativa.
Trabalha com o conteúdo, espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto.	Trabalha com o sentido (que o sujeito manifesta em seu discurso), e não com o conteúdo.
Supõe a transparência da linguagem.	Supõe que a linguagem não é transparente, mas opaca.
Visa no texto justamente uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que a ele estão ligados.	O analista fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união social, da história com a ideologia, que produz sentidos.

Elaborado a partir de: CAREGNATO & MUTTI, 2006.

#### INFORMAÇÃO

Como realizar a descrição dos dados? A descrição dos dados obtidos na pesquisa é feita geralmente de acordo com os objetivos do estudo (GIL, 1999).

#### 4.1.5 Aspectos éticos:

Segundo Goldim (2001, disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/projeto.htm>>), o aspecto ético fundamental neste item é a garantia de que não haverá discriminação na seleção dos indivíduos nem exposição destes a riscos desnecessários. Quando forem pesquisados grupos de pessoas em estados ou condições especiais, eles devem merecer cuidados diferenciados, como nos casos de gestantes, crianças e adolescentes, doentes mentais, prisioneiros, estudantes, militares, empregados de instituições de saúde, membros de comunidades menos desenvolvidas, e outros.

Segundo esse autor (<<http://www.ufrgs.br/bioetica/helsin4.htm#etica>>), os aspectos éticos relativos ao projeto devem ser esclarecidos no item Método. Os essenciais são: a adequada avaliação da relação risco-benefício, a obtenção do consentimento informado e a garantia da preservação da privacidade. A avaliação da relação risco-benefício deve ser feita por meio de dados internacionais e locais. Quando houver a utilização de grupos comparativos, deve ser avaliada a existência de equipolência entre as diferentes intervenções. A forma de obtenção do *Consentimento Informado* (<<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm#cinf>>) deve ser descrita, e o modelo do *Termo de Consentimento* (<<http://www.ufrgs.br/bioetica/consespq.htm>>) que será utilizado deve ser anexado ao projeto. Os autores também devem assegurar a *preservação dos dados*, a *confidencialidade* (<<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm#III3i>>) e o *anonimato* dos indivíduos pesquisados. Quando o projeto utilizar dados secundários, como, por exemplo, dados de prontuários de pacientes ou de bases de dados, os pesquisadores devem comprometer-se formalmente com a *garantia da privacidade* dessas informações.

**INFORMAÇÃO**

Consulte o documento do Ministério da Saúde sobre Normas para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos nos seguintes links:

<<http://www.ufrgs.br/bioetica/Res19696.htm>>

<[http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/03\\_0559\\_MP.pdf](http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/03_0559_MP.pdf)>

**4.1.6 Bibliografia:**

A bibliografia citada e/ou consultada deve ter suas referências no final do projeto, de acordo com as normas oficiais (<<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1280X1024>>).

**4.1.7 Cronograma:**

Este consiste na distribuição das etapas de realização da pesquisa no tempo, normalmente expresso em meses necessários após a redação do projeto; ele assume com frequência a forma de um quadro ou tabela, onde constam as atividades que serão desempenhadas e os meses em que as atividades serão levadas a cabo, podendo-se marcar com um X cada um dos meses pertinentes a cada atividade.

**INFORMAÇÃO**

Veja o capítulo 15 de GIL (2007, p. 155-60), para obter maiores detalhes sobre a elaboração de um cronograma do projeto de pesquisa.

**4.1.8 Orçamento:**

Consiste na estimativa dos gastos com a pesquisa, considerando os custos referentes a cada etapa, segundo itens de despesa (custos de pessoal, custos de material, e outros).

**INFORMAÇÃO**

Veja o capítulo 15 de GIL (2007, p. 155-60), para obter maiores detalhes sobre a elaboração de um orçamento do projeto de pesquisa

**INFORMAÇÃO**

Consulte os documentos na página da ABNT

(<<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1280X1024>>

para obter maiores detalhes sobre a estrutura de trabalhos científicos segundo as normas da ABNT 2007.

Consulte também os textos dos **Anexos B e C** sobre alguns problemas na redação de textos acadêmicos: **Dicas de redação** e **Redação e estilo**.

**4.2 REFERÊNCIAS**

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. In BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação* : uma introdução às teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p.150-75.
- BEAUD, S.; WEBER, F. *Guide de l'enquête de terrain*: produire et analyser des données ethnographiques. Paris: La Découverte, 1998.
- BUY, A. *Técnicas de pesquisa*: observação, questionário e entrevista. 2005. Disponível em: <<http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/metodologia/textos/anabuy.htm>>. Acesso em: 7 set 2006.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa*: análise de discurso versus análise de conteúdo. Florianópolis: 2006. Texto Contexto Enfermagem.
- CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, PPGS-IFCH/UFRGS, v. 9, p. 11-47, 1998.
- DOXSEY J. R.; DE RIZ, J. *Metodologia da pesquisa científica*. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila.
- FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e educação*, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul.-set. 1987.
- GERHARDT, T. E.; LOPES, M. J. M.; ROESE, A.; SOUZA, A. A construção e a utilização do diário de campo em pesquisas científicas. *International Journal of Qualitative Methods*. 2005.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. *O inquérito*: teoria e prática. Oeiras: Celta, 1997.
- GUIZZO, B. S. et al. O software QSR NVivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 53-60, abr. 2003.
- LOPES, M. J. M. *Les soins*: images et réalités – le quotidien soignant au Brésil. Paris: Université de Paris VII, 1993. Tese de Doutorado.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*: planejamento e execução. São Paulo: Atlas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: Dunod, 1995.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social*: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2007.
- SANTOS, L. C. Técnicas de coleta de dados: instrumentos de coleta de dados. Disponível em: <[www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas\\_de\\_Coleta\\_de\\_Dados\\_2\\_2\\_0\\_22007-104857.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas_de_Coleta_de_Dados_2_2_0_22007-104857.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2008.
- SILVA, D. Tópicos avançados de estatística na pesquisa em Administração de Empresas. Notas de aula, 2003.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.